

* Resenha

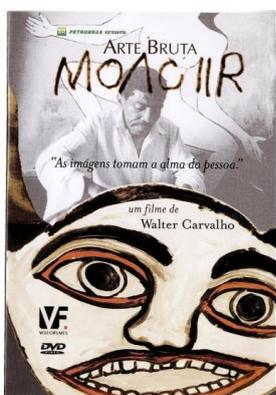
Abundância

Gloria Lotfi

Psicóloga CRP 05/1916. Especialista em Clínica e Supervisora – Conselho Regional de Psicologia- R.J. Membro Analista didata e fundadora da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – Associada – Rio de Janeiro SBPA-RJ e sua atual Presidente. Membro Analista da International Association for Analytical Psychology – IAAP Zurich. Membro do Projeto Transversões, da Escola de Serviço Social da UFRJ.

gloria.lotfi@terra.com.br

DOI: 10.3395/reciis.v7i1.777pt



Resenha sobre o documentário "Moacir: Arte Bruta"

Direção: Walter Carvalho

Duração: 72 minutos

Distribuição (DVD): Videofilmes

Arrastão

Música de Edu Lobo e Vinícius de Moraes

"Eh! Tem Jangada no mar
Eh! Eh! Eh! Hoje tem arrastão
Eh! Todo mundo pescar
Eh! Chega de sombra e João, Jô viu
Olha o arrastão entrando no mar sem fim
È meu irmão me traz Iemanjá pra mim
Minha Santa Bárbara me abençoi
Quero me casar com Janaína
Eh! Puxa bem devagar
Eh! Eh! Eh! Já vem vindo o arrastão
Eh! É a rainha do mar
Vem na rede João, pra mim
Valha-me meu Nosso Senhor do Bonfim
Nunca jamais se viu tanto peixe assim
Valha-me meu Nosso Senhor do Bonfim
Nunca jamais se viu tanto peixe assim"

Moacir – Arte Bruta é um filme de Walter Carvalho, foi filmado em sete dias, na Chapada dos Veadeiros, local onde nasceu e vive Moacir. Desde criança Moacir pintava com o material que

podia encontrar, carvão na pedra ou em qualquer pedaço de papel. Menino quieto, introvertido, nunca foi à escola, aculturado que é, expressa nos desenhos que faz, aspectos de toda a cultura humana. Abundantes são os símbolos que surgem, trazidos pelo traço firme de Moacir.

Jung com o conhecimento que adquiriu do ser humano, permite que nos aproximemos do mistério. Queremos demonstrar como Moacir, homem simples da terra, criado em sintonia com a natureza, que na região, explode em beleza e força, a expressa na arte.

Contam que quando nasceu, tinha duas tiras de carne penduradas no pescoço e que ficou que nem morto, estirado. Sua mãe fala que deus o fez assim para que ela não ficasse só na velhice, ela conta com a companhia do filho Moacir, "os outros oito, não são desse jeito". Moacir quase não sai, não vai a festas, nem bebe. Construiu no terreno dos pais, uma casinha de palha para ficar só e fazer lá seus desenhos.

Na maioria das vezes, faz seu desenho no escuro, se enrola no cobertor, também vê as figuras que desenha na escuridão da noite. É mesmo a sombra inconsciente que contem as imagens arquetípicas.

Os parentes e vizinhos falam dele:

"Nasceu perfeito, mais que fosse, era Deus!"

"Nasceu com o dom de fazer aquelas coisas feias, com chifres, não pode"

"Olho pro desenho dele e sinto uma energia boa, mesmo os diabinhos, os santos, os anjos. Não sei explicar, tem energia e significado" (irmã)

"Uma vez, chamaram a policia que veio e destruiu os desenhos de mulher pelada que tinha na parede da casa, ele ficou chorando e depois desenhou a polícia apanhando, ele respondeu desenhando" (pai).

A arte bruta de Moacir, é autóctone, sem modelo inspirador ou cópia, não teve aprendizado, é natureza bruta que brota da camada mais inconsciente do ser humano, do inconsciente coletivo.

O Inconsciente Coletivo

Jung reconheceu uma camada mais profunda do psiquismo humano e a nomeou de inconsciente coletivo. Os conteúdos aí contidos nunca foram conscientes, devem sua existência na complexidade do ser humano, à hereditariedade. É uma espécie de memória ancestral, atributo universal da humanidade. Na infância, não existe uma fronteira rígida entre o ego que começa a se formar e os conteúdos do inconsciente coletivo. Uma vez que o ego se estabelece, o indivíduo, naturalmente se volta para os interesses atuais na sua vida, mas com o amadurecimento, a tendência de uma consciência desenvolvida, é a de "recordar" e integrar os símbolos que surgem.

Ao contrário do inconsciente pessoal, cujo conteúdo é o recalcado, que devem ser elaborados para que haja um equilíbrio psíquico, o inconsciente coletivo possui arquétipos. Arquétipos são estruturas de energia, contêm o homem do passado, suas lutas, crenças e mitos, tudo vivo

dentro de si. A Abundância é atributo do Inconsciente Coletivo, e também dos oceanos, que o representam simbolicamente.

“Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo mas precipuamente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, esse é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensão eventualmente patológica, isto é, uma neurose.” (Jung- Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo 9/1 pg.57 parag.99 - Editora Vozes – Petrópolis 2011)

Os arquétipos se expressam em imagens, que recebidas pelo ego, simbolizam uma inesgotável fonte de conhecimento.

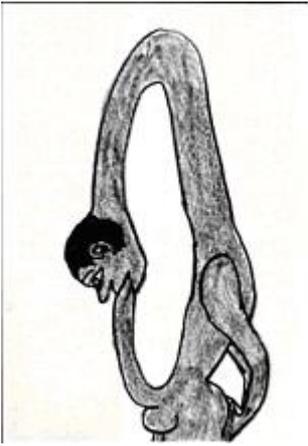
Esse material que chega do mundo interior, vem para todos, principalmente através dos sonhos, da imaginação e da arte, e também, estão presentes nos delírios dos pacientes psiquiátricos. Quando a pessoa que recebe essas imagens não estruturou um ego resistente e adequado ao ambiente em que vive, sucumbe à imensa carga de energia que vem do interior de si mesmo. Uma Tsunami psíquica invade o ego que, então, adoece. O ego de Moacir, permanece sintônico ao seu meio ambiente, não é diferenciado numa cultura patriarcal e egóica, exigência da nossa civilização. O psiquismo de Moacir permanece um com a Grande Mãe terra, é aceito do jeito que é, e tem lugar na comunidade em que vive. Mesmo quando não concordam com ele, não o discriminam.

O Nascimento do Indivíduo no Coletivo

Erich Neumann (1905 -1960), discípulo e colaborador de C. G. Jung, descreveu duas fases, nas quais, o ego infantil ganha existência, tendo que lidar com as forças do coletivo impressas no inconsciente, o matriarcado e o patriarcado.

No início, descreveu o ego infantil, indiferenciado, fazendo parte de um todo, mãe mundo, nominou esse estado como “Uroboros”, representado mitologicamente por uma cobra que engole o próprio rabo, um círculo que se fecha em si mesmo mas tudo contém, um grande redondo, o início e o fim. O caos e a ordem.

“Esse redondo e essa existência no redondo, existência na uroboros, são a auto representação simbólica do estado inicial, mostrando tanto a infância da humanidade, como a da criança. A validade e a realidade do símbolo da uroboros repousam numa base coletiva. Esse símbolo corresponde a um estágio evolutivo que pode ser “relembrado” na estrutura psíquica de ser humano. Ele opera como um fator transpessoal que aí se encontrava como um estágio psíquico de existência anterior à formação do ego. Ademais, a sua realidade é reexperimentada em todo início de infância, e a experiência pessoal que a criança tem desse estágio pré-ego refaz a velha trilha percorrida pela humanidade.” (Neumann, Erich, “História da Origem da Consciência” ed. Cultrix, São paulo – 1995)

		
<p>Figura 1 - Desenho de Moacir</p>	<p>Figura 2 - Desenho de Moacir</p>	<p>A serpente Ouroboros em um antigo manuscrito alquímico grego</p>

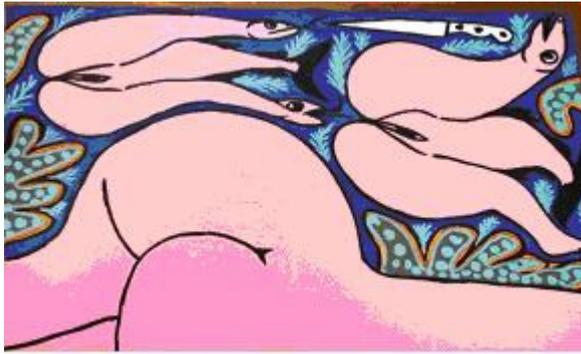
Esse mito primordial do grande redondo, não se esgota numa única representação, o ventre feminino é uma das possíveis representações. Trata-se de um Ventre cósmico que envolve todos os conteúdos e é representado por todas as coisas profundas e envolventes, que circundam e protegem, como abismo, cratera, mar, lago.

Neumann, fala que a criança no primeiro ano de vida, vive uma gravidez extra-uterina, imersa numa grande barriga, mãe mundo, lugar de onde surgirá um ego a caminho da diferenciação.

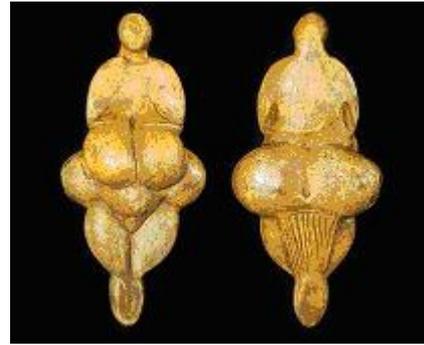
A mãe pessoal, também não vai esgotar em si, toda a riqueza simbólica do arquétipo da Grande Mãe. Todo ser humano vai lidar durante toda sua vida em suas vivências e projeções com a energia do dinamismo matriarcal.

É no matriarcado que começará a haver uma diferenciação do eu, a consciência individual inicia seu despertar. A relação dual do início, eu X mãe, o mesmo que eu X mundo, é a semente do futuro homem individuado.

Moacir que, segundo sua mãe, nunca viu uma mulher nua, porque tem vergonha, desenha a nudez feminina, destacando as formas redondas, a vulva e a vagina. Tais desenhos são semelhantes a várias outras antigas representações em terracota, encontradas em escavações.



Desenho de Moacir



[Venus of Lespugue](#) (24,000 – 22, 000 BCE):
Discovered in the cave of Lespugue in 1922.



Desenho de Moacir



[Seated Mother Goddess of Catal Huyuk](#) (7th century BCE): Excavated from the upper levels of the site by James Melaart in 1961. Figurine was found in a grain bin.

Encontramos em Neumann uma referência aos estágios fálicos do ego (falo, em latim, é aquilo que fascina). Para uma consciência ainda não diferenciada, o falo simboliza a possibilidade de autonomia. Nessa fase, o falo não é vivenciado pelo menino como uma parte de si mesmo, de seu corpo, mas por ambos, menino e menina, como alguma coisa transpessoal, da qual se esta a mercê. O falo é ainda materno porque a criança vive sob o poder desse dinamismo que se refere ao matriarcado .



Desenho de Moacir



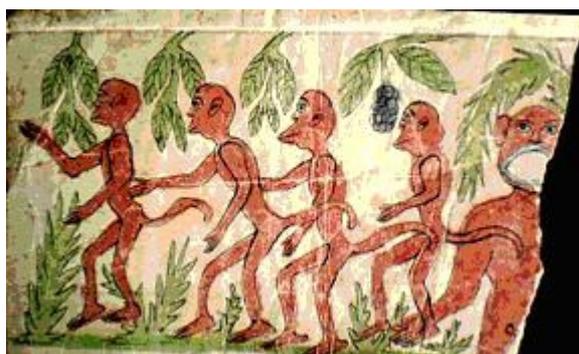
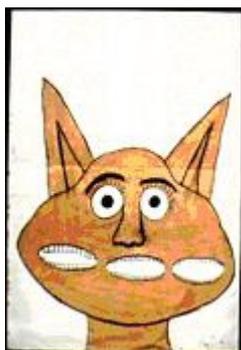
Desenho de Moacir

Quando perguntado sobre o que são esses desenhos, Moacir diz que não sabe, que ele está lá na sombra e fala com ele, e acrescenta: "quem vê, acredita, quem não vê, não acredita".

Vemos no filme que Moacir recebe a visita de um artista plástico que deseja pintar junto com ele. Gentil e generoso, cede o espaço. Se nota, que enquanto desenha num dos cantos da tela, sua fisionomia está serena e distante, como se, em outro lugar. Cria sua imagem e deixa o visitante criar. No final, integra o desenho do outro ao seu e termina a tela. É uma boa pessoa o Moacir, abre um espaço para que o visitante se expresse, o recebe em seu mundo, o presenteia e não o retém.

Identificamos nas figuras que Moacir pesca do inconsciente através dos desenhos, imagens arquetípicas. No portador do falo, reconhecemos uma figura de *trickster*, o herói matriarcal que aparece na mitologia indiana e em figuras análogas da Europa medieval fazendo referência ao Carnaval. O *trickster*, estudado por Jung, é uma figura de herói matriarcal, aquele que provoca desordem, desfaz a ordem estabelecida mas ainda não apresenta uma mudança que acarrete uma transformação na consciência.. O *trickster* é meio animal e considerado um demônio. Muitos dos vizinhos de Moacir temiam os desenhos de figuras chifrudas, diziam que ele não deveria desenhá-las e mesmo evitavam se aproximar do local. Moacir com sua arte provocou uma mudança na comunidade, embora pequena, algo de novo veio das sombras e se estabeleceu. A figura do *trickster* é meio palhaço, bobo que consegue as coisas antes dos espertos, e assim é Moacir.

Chifrudos e outros desenhos de Moacir



Algo da ordem Patriarcal Chega ao reino da Grande Mãe

Moacir mudou com a repercussão que seu desenho teve, e segundo muitos dos seus parentes e vizinhos, seus desenhos também mudaram. Infelizmente não temos como fazer uma avaliação mais cuidadosa dessa mudança em sua arte. No entanto, podemos dizer que Moacir, analfabeto que é, começou espontaneamente, colocar nos desenhos o seu nome, também desenhado. Como todas as pessoas da região, vivia da extração do carvão, trabalhava duro nas minas quando precisava de dinheiro e hoje, vive de sua arte, a vende para pessoas que vivem distantes, também a expõe na sua bicicleta, passeando com o desenho que acabou de fazer, preso na frente, exibindo-o, diz que faz propaganda. Sua capacidade verbal é precária mas segundo consta, melhorou muito, muito tímido e envergonhado mas se relaciona bem com as pessoas da comunidade e com as que vem ver seu trabalho, desde que goste da energia delas. Caso contrário, se esconde e não aparece. Parece ser feliz, vive simplesmente, satisfeito com seu dom.

Moacir permanece sendo e sempre será, um filho da Grande Mãe terra, fiel e obediente. O mundo Patriarcal, como nós, povos cultos e urbanos, conhecemos, não fazem, nem deverão nunca fazer parte da vida dele. As demandas da ordem patriarcal iriam agredir e adoecer esse ser que tem seu lugar respeitado na comunidade em que vive. Neumann nos esclarece sobre o estado psíquico de Moacir:

Toda entrada num campo arquetípico leva a um "abaissement du niveau mental, a uma diminuição da consciência, a uma intensificação de fenômenos que podem ser descritos como "participation mystique", nos quais os limites entre sujeito e objeto acessíveis à consciência ficam borrados e a realidade unitária toma o lugar da realidade normal situada pela nossa consciência. A cada movimento do ego em direção ao Self, o aspecto da realidade unitária torna-se mais proeminente; a cada movimento em direção ao ego, o mesmo aspecto retrocede." (Neumann, Erich "A Criança" – Ed.. Cultrix., São Paulo , 1995, pg. 41)

Jung nomeia Ego, o centro da consciência, responsável pelo crescimento do homem no aspecto social. Self é o centro do inconsciente e o coordenador do processo de individuação, que é o maior desenvolvimento alcançado das potencialidades de cada indivíduo, em sintonia e relação ao seu meio. O resultado da Individuação é o desenvolvimento de uma pessoa singular, com a consciência clara do seu lugar e sentido. O movimento em direção ao ego é o de adaptação, a busca do seu lugar na sociedade. O movimento em direção ao Self, é o de busca de um significado existencial no mundo. Quando em equilíbrio, o ego coordenado pelo Self, saberá buscar os caminhos do desenvolvimento, dando um significado único a cada vida e a cada indivíduo, na comunidade.

Nise da Silveira, médica psiquiátrica, brasileira e Junguiana, proporcionou a seus doentes, a capacidade da expressão artística. Com isso, facilitou para eles, o encontro com o si mesmo, ou Self, resgatando para suas vidas um sentido. Foi um dos primeiros psiquiatras, a olhar com respeito e verdadeiro interesse em auxiliar pessoas que assustavam demais por apresentarem sintomas tão mal compreendidos. Nise oferecia espaço e meios para que seus pacientes desenhassem. C. G. Jung em visita ao Brasil, conheceu e se encantou com a produção simbólica dos pacientes psiquiátricos da Dra. Nise da Silveira. O conhecido "Museu do Inconsciente", teve sua criação, a partir das obras realizadas sob o cuidado competente e amoroso dessa médica.

Moacir foi abençoado em seu nascimento, nasceu num lugarejo afastado das grandes cidades. Não são todas as estruturas de ego com força para enfrentar a luta por um lugar no meio urbano, competitivo e implacável com os fracos. As diferenças que Moacir apresentava quando criança, não assustou ninguém, era tão aceito e querido como qualquer outro dos nove filhos de seus pais.

Moacir e sua Arte Bruta, vem mostrar a existência de mais coisas além das que podemos compreender somente pela razão. E de que é de lá, da região da Abundância, o inconsciente coletivo, que vêm os grandes símbolos. Explicar, nem sempre é o melhor caminho, muitas vezes, basta chegar perto e deixar vibrar em alguma região de todos e de cada um, algo além do conhecido.

Referências bibliográficas

JUNG, C. G. Os **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEUMANN, E. **A criança**: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação. São Paulo, Editora Cultrix, 1995.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1981.